

Museu Educação Global e Diversidade Cultural
Cadernos

Sementes de Futuros



Programas e Planos em Museologia Social

2021



Ficha Técnica:
Informal Museology Studies
Cadernos
Nº 29 – 2021
Editor: Pedro Pereira Leite
Marca D'Água - Edições e Projeto
ISSN – 2182-8962

DOI:

Documentos usados de acordo com:





Índice

Uma introdução ao Planeamento em Museologia Social	6
Museus como sementes de futuros	8
Museus e Felicidade	10
Museu Sociais em processo	12
Os novos museus sociais e as novas dinâmicas da sociedade	14
Planos insurgentes para museus nómadas	16
Planos resilientes para museus sociais	18
Planos e Programas para Museus – Experiencias	20



Uma introdução ao Planeamento em Museologia Social

A 31 de janeiro faço dez anos do meu doutoramento em museologia na Universidade Lusófona. Este número (#29) dos *Informal Museology Studies* apresenta uma síntese dos trabalhos de planeamento de museus. Uma síntese que vêm desde o trabalho pioneiro de planeamento do museu do Tejo, no âmbito do Parque do Almourol, em tempos pensado no programa Valtejo, da área metropolitana de Lisboa em 1998, até aos programas pensados em 2020 para vários museus em Moçambique, na Guiné-Bissau e em Portugal. Com isso procuro marcar uma reflexão sobre a forma de planear em museus sociais. É uma reflexão que evoluiu do tradicional para a rutura. Para uma rutura com a ideia tradicional de museu.

A ideia de plano tem como objetivo definir um roteiro de ação. Implica marcar um quadro de referência duma determinada realidade, identificar dinâmicas e oportunidades de ação, definir problemas a resolver, fixar objetos e delinear caminhos para a resolução desses problemas.

No caso dos museus, este processo de elaboração dum plano pressupõe que existe uma vontade de museu. Com isso o plano torna-se numa ferramenta que se torna indispensável na sua afirmação na sociedade. Nos casos dos museus sociais, esse desafio de relevância é naturalmente duma exigência superior. Uma exigência que todavia não encontra uma correspondência no conjunto de publicações de quem defende a “função social” dos museus e os seus novos desafios, criados pela Recomendação da UNESCO sobre museus em 2015:

Um plano museológico para museus sociais é um instrumento de formação de conhecimento sobre a sociedade (comunidade) sobre as coleções (objetos socialmente relevantes) e sobre o espaço e o tempo (território), procurando dar indicações sobre o quadro de referências da ação e sobre os procedimentos a desenvolver para alcançar a missão do museu social. Nele se encontram as prioridades, os principais caminhos a desenvolver, as formas de acompanhar e avaliar as ações para verificar a sua conformidade com os objetivos delineados.

Como se pode facilmente entender, o Plano Museológico é praticamente um documento fundador da vontade de museus, a partir do qual se desenvolvem as ações museológicas de coleta, salvaguarda, documentação, pesquisa, e comunicação. É também um documento integrador das ações dos museus na comunidade em que se insere, na sua relação com outras instituições.

De um modo geral, embora pensado como documento fundador, o plano museológico é um documento que, periodicamente exige a sua revisão. Tal como a sociedade se transforma, também aquilo que é exigido aos museus se vai transformado, ajustando-o às várias dinâmicas que enfrenta na sociedade.



Museus como sementes de futuros

Que um museu tenha que ter uma função social é hoje uma ideia consensual, muito embora ainda haja, quem dentro dos museus defenda que os museus existem para as suas coleções. Talvez essa visão conservadora, em grande parte justifica a necessidade que sentem de definir com precisão “o que é um museu!

Independentemente disso é hoje consensual, nas sociedades democráticas, que os museus são universais (isto é existem para todos). É certo que são uma herança cultural do iluminismo. Pensado como espaços de liberdade, igualdade e fraternidade, permitindo mostrar o património e o conhecimento ao alcance de todos. Nesse sentido foram, e continuam a ser uma peça dessa utopia da afirmação da universalidade, e da igualdade a que mais tarde se foram adicionando outras relevantes bandeiras, como seja a questão da civilização, da nação, do desenvolvimento, dos direitos e liberdades identitárias, da diversidade cultural, da chamada democratização cultural, do local, da ciência etc. Nesse sentido, ao longo destes quase trezentos anos, os museus foram-se reinventando e multiplicando.

Será a função social dos museus mais uma fase deste processo de reinvenção dos museus. Talvez sim. O que é certo que o número de museus se multiplicou e se continua a multiplicar no mundo, que o seu número de visitantes, em grande medida relacionado com o fenómeno turístico e da “sociedade do lazer”, é também verdade que logo que se verifica um sintoma de um museu mais obsoleto ou menos impactante, logo surgem propostas de modernização, de uso de novas tecnologias, de uso de novos espaços na cidade, de museus digitais, etc.

Seja como for, museus que pensem a sua função social, que se assumem como museus sociais, sejam de comunidade ou de sociedade, tem que pensar que forma planeiam a sua ação enquanto instituição cultural de referência. Só através do seu plano museológico os museus sociais conseguirão enfrentar o desafio da diversidade cultural.

Em grande medida trata-se dum desafio ético que exige uma alteração do foco dos museus da categorização abstrata dos “públicos” para uma segmentação dos seus público e enfrentado o desafio de construir um museu para todos.

Este é um relevante desafio que vários museólogos sociais, no âmbito dos MINOM e de outras organizações tem vindo a salientar. Efetivamente, olhando para a projeção dos museus na sociedade contemporânea: seja

por via do número de visitantes, seja por via do seu “capital simbólico” enquanto instância de poder, os fins dos museus e a sua missão social ainda se encontram muito aquém do necessário. Isto é: Como se tem vindo a chamar a atenção os museus não são lugares de construção da diversidade cultural, não são, em regra, espaços educativos para a dignidade humana, não levam a um entendimento da complexidade societária, e sobretudo não estão a ser laboratórios de criação e inovação social.

O plano, é pois uma peça chave para identificar este problema e definir caminhos para a concretização dessa missão do museus social, que é constituir-se como ator relevante da vida da comunidade. Como um construtor de futuros.



Museus e Felicidade

Museus sociais são museus que tem uma ambição de criar consciência e vontade de agir. São espaços que se inserem na comunidade e protagonizam o espaço social da comunidade enquanto laboratório de futuros, de alternativas de caminhos, individuais e coletivos. Caminhos que conhecimento, de educação do gosto e das expressividades, de possibilidades de ação.

Protagonizando a vontade de agir, não se substitui às outras entidades da sociedade, mas com elas convive, tornando-se um lugar de encontros e de construção de pontes.

O mundo enfrenta relevantes desafios sociais, económicos e ambientais. A recente crise epidémica permite tornar esta situação evidente, e exigem um crescente esforço de renovação aos museus sociais que deem respostas às novas realidades sociais.

Enquanto instituições da sociedade os museus são lugares de escuta e dialogo com o pulsar do mundo e da comunidade. Nele devem ser enunciadas soluções, experimentadas ações para a transição societal. É certo que há ainda muitos que defendem que os museus são apenas lugares de exposições. Exposições sobre o passado, sobre as coleções, sobre as memórias neutras de não contestadas.

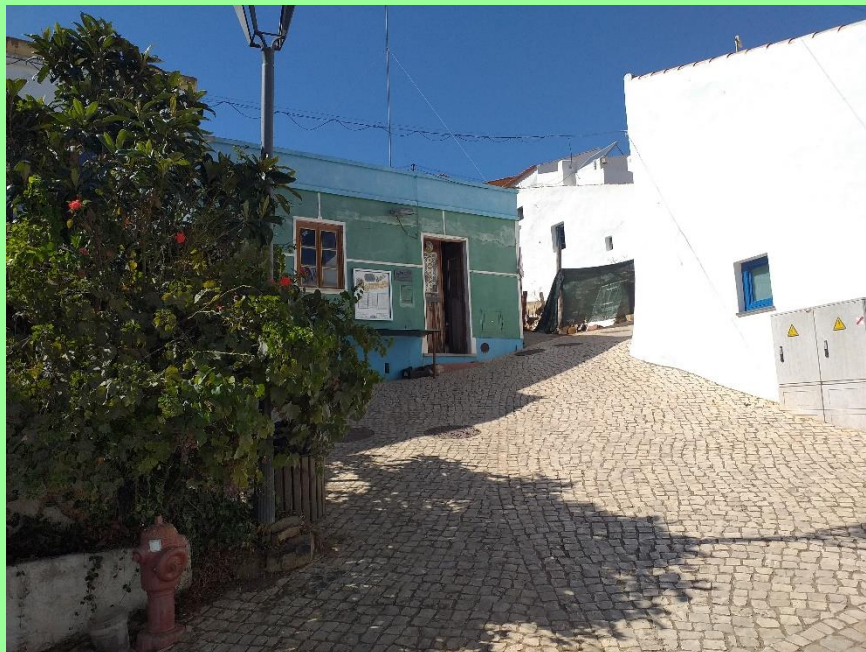
Mas estamos em crer que esse a tipo de museu é hoje um museu fora da realidade da sociedade. Um museu desconectado do tempo, da comunidade e do território. Os museus devem mudar com a sociedade. Devem estar atentos às pessoas que vivem na comunidade, abrir as suas portas para ajudar a entender as preocupações e aspirações da comunidade. Os museus já não são apenas lugares que contam histórias de outros tempos. Tem que ser lugares de histórias do nosso tempo que encontre novos protagonistas e novas dinâmicas.

É relativamente fácil, a quem queira analisar a vida dos museus, entender aqueles que estão conectados com a vida da comunidade e ajustados ou adaptados às novas realidades da sociedade. Basta entrar num museu e ver que tipo de atitude é convocada nesse museu. Se as atitudes contemplativas são predominantes, é um museu de outro tempo. Se pelo contrário, são convocadas atitudes ativas, de reconstrução do conhecimento, que despertem a sensibilização sobre a realidade social e sobre o tempo vivido, ainda que com objetos de outros tempos, estamos perante um museu vivo. Um museu vivo é um museu que se centra na criação, na inovação e no desenvolvimento das capacidades e do bem-

estar dos seus visitantes. Um museu que ajuda ao reconhecimento de si, dos outros e do contexto em que a comunidade vive. Hoje um museu tem que estar aberto e integrar as várias dinâmicas da sociedade, da economia e ser uma organização ambientalmente responsável, incluindo nos seus processos, em todos os tempos as práticas de participação da comunidade.

O dilema e o paradoxo que este tipo de museus enfrenta, no âmbito dum processo de planeamento, para integração da dimensão da realidade social e da participação da comunidade para criar processos inovadores e criativos que produzam felicidade e bem-estar, deriva da natureza das ferramentas da construção do plano.

Um plano ou projeto ou programa é sempre uma projeção de futuro. Partindo dum determinado ponto, colocado no presente, procura-se que o equipamento se transforma, num determinado tempo numa outra forma pensada hoje como ideal. Ora não só a experiência diz que todos os dias os dados mudam, fazendo com que aquilo que é hoje uma necessidade, amanhã já não o seja; como igualmente, sabemos também por uma experiência dolorosa que em sociedade, construir a utopia do futuro é um desafio inglório, pois nada indica que a transformação seja um processo linear, ao mesmo tempo que a cada nova forma, muitas outras formas se tornam possíveis, sendo previamente impossível pensá-las.



Museu Sociais em processo

Estamos portanto perante os dilemas da inovação social. Sabemos que necessitamos de mudar, sabemos que necessitamos de museus mais conscientes do seu tempo e da comunidade que serve. Sabemos que necessitamos de museus mais participativos. Sabemos também, que esse esse museus não podem ser hoje pensados sem nos envolvermos hoje no desafio de sua criação.

Há na tradição da museologia social uma experiencia acumulada que nos ajuda hoje a pensar esse processo. Recordando brevemente os momentos em que os museus se sintonizaram com o tempo vivido e com as aspirações das suas comunidades, não podemos deixar de mobilizar os momentos criativos corporizados em 1972 pela da Declaração de Santiago do Chile e da proposta de **museu integral**; em 1984 da Declaração de Québec sua definição das bases para uma **Nova Museologia**, e em 1992 com a Declaração de Caracas, que integra o museu no âmbito do **desenvolvimento** social, político e económico, na construção dum futuro melhor para as **comunidades**, colocando-as como protagonistas dessa ação.

São momentos que permitem aos museus escutar o pulsar do mundo. Que permitem aos museus encontrar novas ferramentas de uso na sua atividade, permitindo quebrar o seu isolamento e redomas de espaços sacralizados, fora do tempo e fora da cidade. São documentos que apelam a incorporação nos museus das ferramentas do pensamento crítico e à necessidade de se assumirem como tendo uma “responsabilidade para com a sociedade” – a sua função social.

Embora esse movimento de renovação da museologia tenha praticamente 50 anos, as ideias que neles estão presentes foram incorporadas em muitos outros documentos e nas práticas dos vários museus sociais que em todo o mundo foram surgindo. É certo os contributos foram incorporados de forma desigual, quer em termos de conteúdos, quer em termos e lugares de aplicação. Por exemplo, as questões da participação da comunidade encontrou um grande espaço de prática nos países do norte da europa e nas Américas (do norte e no sul), com um lento desenvolvimento no sul da europa do sul do leste, e em África.

Não cabe neste artigo avançar na explicação deste diferentes tempos e espaços da museologia social, mas vale a penas chamar a atenção para a conformidade destes princípios com as mais recentes recomendações e convenções da UNESCO, nomeadamente:

Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO, 2001), a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (UNESCO, 2005), a Convenção-Quadro do Conselho da Europa sobre o valor da cultura patrimonial para a sociedade (2005), as Declarações da Cidade de Salvador de Bahia e Montevideu (Encontros de Museus Ibero-americanos, 2007 e 2012) ou a Recomendação da UNESCO para museus coleções e seu papel na sociedade de 2015, documento que vincula, pela primeira vez de forma taxativa, a função social dos museus.

São todos eles documentos que acentuam a necessidade de promover a dimensão social das instituições museológicas, do património cultural no âmbito duma novas forma de pensar a sociedade e a sua transformação. Em todos eles sentimos a proposta de pensar uma nova forma de configurar objetivos na ação destas organizações culturais através da incorporação da diversidade cultural, da cidadania, da participação das comunidades, o diálogo entre atores e a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar das comunidades. Em suma, os princípios de renovação dos instrumentos metodológicos da museologia estão impregnados dessa nova museologia social.



Os novos museus sociais e as novas dinâmicas da sociedade.

Com base no conjunto de experiências museológicas em vários contextos e das orientações dos vários documentos a prática da museologia social foi-se consolidando. Na América do Sul, as experiências dos museus comunitários no México, os Museus do Brasil Colômbia, Chile foram espaços de inovação e afirmação do museu ao serviço da comunidade, abertos ao ritmo do mundo, ao diálogo com os vários movimentos sociais, sejam eles políticos, laborais ou identitários. Museu que dialogam com a sociedade, com a diversidade social, com a democracia participativa e com a cidadania. Em alguns desse país, surgiram importantes políticas culturais públicas, aplicadas a museus e organizações patrimoniais, gerando experiências inovadora, como o caso dos “pontos de memória” no Brasil.

Na Europa, envolvida no processo de construção de convergência económica, as questões culturais, embora fora da centralidade, foram usadas na promoção da cidadania e a inclusão social, promovendo programa de integração de grupos minoritários, migrantes, procurando, como já referimos acima, nos países de maior tradição participativa, integrar processos de participação na gestão deste tipo de equipamentos, como forma de garantir o acesso à cultura dos cidadãos.

Uma das preocupações mais evidentes nas políticas públicas europeias, para além de procurar garantir o acesso generalizado, registou-se a emergência de políticas públicas destinadas à inclusão de grupos minoritários e assistiu-se à emergência dum pensamento crítico ao carácter elitista do museu tradicional.

Esse movimento europeu teve como resultado a criação de processos participativos em vários países, que procuraram, de diferentes formas dar resposta às transformações sociais na sociedade, procurando encontrar resposta válidas para os problemas vividos. Em Portugal, embora tenha sido o lugar onde em 1985 se viria a constituir o Movimento Internacional para uma Nova Museologia, e se terem feitos vários trabalhos académicos na Universidade Lusófona de Lisboa, onde é refletido os museus como espaço ao serviço da sociedade, foram poucos os casos que efetivamente encontramos. Num trabalho que efetuamos em 2014 procuramos rastrear a situações onde os museus de assumem como construtores da consciência do futuro.¹ Nele constatamos que são poucos os casos em que

¹ https://redib.org/Record/oai_articulo2638802-a-nova-museologia-e-os-movimentos-sociais-em-portugal

se encontram museus com uma função social como centro da sua atividade.

Se os museus continuam a ser pensados como instituições do passado, reservada a algumas elites, continuando a apresentar narrativas obsoletas, dum outro tempo seria necessário decolonizar os museus, uma proposta sobre a qual refletimos noutro lugar². O que será relevante, para além desse debate teórico, que está na base na consciência da vontade de museus, será pensar na necessidade de pensar numa nova forma radical, de planejar um museu social. Pensar que forma as ferramentas do planeamento podem ser usadas para criar um museu mais humano, que esteja próximo dos problemas das comunidades, mais envolvido na construção do bem-estar e na economia comum. Como podemos construir um programa para um museu social, é uma questão que até agora tem faltado no pensamento museológico insurgente.



² <https://informalmuseology.wordpress.com/museologia-insurgente-e-movimentos-sociais/estudos-de-museologia-insurgente/>

Planos insurgentes para museus nómadas

Ficamos na proposta de pensar como construir ferramentas para museus sociais. Verificamos que o movimento de renovação da museologia social, que pensou o museu integral, adicionou os princípios da participação das comunidades, dos museus como prestadores de serviços a essa comunidade, envolvidos com o seu desenvolvimento económico, social e cultural, como espaços educativos e de encontros com a cidadania e a diversidade cultural. Portanto um museu integral é um museu que serve para a vida da comunidade. E essa é uma distinção entre os museus que estão voltados para a vida da suas comunidades ou que se encontram encerrados nas suas coleções de outros tempos. Seja num museus da comunidade, seja num museu mais tradicional é possível avançar com planos sociais que envolvam a compreensão e necessidades das formas de viver e compreender o mundo dos visitantes e potenciais utilizadores.

Este será um primeiro objetos dos Planos para museus sociais. Compreender os desafios do espaço e do tempo, a partir do qual surgem oportunidades a integrar.

Ora o primeiro desafio será o de conhecer as comunidades onde se insere e os públicos que visitam ou potencialmente visitarão o espaço do museu social. Verificar quem e como se acede ao museu. Aqui é importante levar em linha de conta, que tradicionalmente os museus são vistos como espaços de elites e de histórias ou narrativas dominantes. Haverá portanto que levar em linha de conta a necessidade de integrar grupos de cidadão em situação de marginalidade económica e social, ou mesmo de exclusão.

Esta é uma importante ferramenta de integração social, promovendo a questão da interculturalidade e da diversidade cultural. Usar o museu para contar histórias dar relevância aos grupos minoritários permite aos mediadores do museus transmitir valores, ambientais, sociais e económicos.

Mas, mais do que contar histórias, os museus sociais podem e devem usar essas histórias para construir futuro. Fazer acontecer no espaço do museu Laboratórios de ações de que partem das histórias contadas que abram a esperança de novas histórias para contar.

O plano dum museu social deve portanto partir da identificação das necessidades dos grupos e pensar ações para esses grupos, envolvendo, no processo, nas suas várias fases, os atores sociais.

Abrem-se neste domínio, do planeamento, algumas dificuldades que importa levar em linha de conta. Como já acima referimos, um plano é algo projetado no tempo. É uma ação pensada para concretizar no futuro. Normalmente o plano desenvolve-se num horizonte temporal, de um a muitos anos, envolvendo a escolha de objetivos e a mobilização de recurso, nomeadamente os espaços e as finanças. Como já referimos, entre a vontade de futuro e a necessidade do presente, encontram-se por vezes disjunções que limitam a concretização dos objetivos, ao mesmo tempo, que a concretização de objetivos leva a outras necessidades, não inicialmente prevista. Por isso um programa e um plano devem ser suficientemente versáteis para prever a instabilidade e sua própria moldagem às necessidades do tempo. Um plano para um museu social tem que ser um plano resiliente.



Planos resilientes para museus sociais

Sobre a elaboração concreta dum plano participado, sobre o seu processo de elaboração participado, dedicamos um trabalho³, e mais recentemente elaboramos no canal do Museu Educação e Diversidade um pequeno vídeo sobre o processo de planeamento⁴.

O que é importante tomar em atenção, no processo de planeamento de museus sociais é a necessidade de considerar que estas são centros ao serviço da sociedade da qual são parte indissociável. Existem nesse espaço para participar na formação da consciência social enquanto instituição contribui para o desenvolvimento social e dever oferecer uma visão sobre as mudanças necessárias para que a realidade se transforme em função do bem-estar da comunidade. O modo como a instituição concretiza a sua função social é uma medida da concretização do seu papel na sociedade contemporânea. No final temos um museu mais humano e mais próximo dos problemas vivido pela sociedade e pela sua vontade de agir no mundo⁵.

Os planos e programas dos museus sociais devem resultar duma prática de envolvimento dos museus nos problemas mais relevantes da comunidade, na atenção à transformação radical das formas de viver e compreender do mundo e dos seus visitantes.

Na sua estrutura deve incorporar uma imagem de marca sólida, e um trabalho de comunicação com a comunidade de forma a sintonizar, de forma permanente o museus com a comunidade. A comunicação é o processo pelo qual de dá visibilidade à relevância da ação dos museus, da sua relação com a comunidade, mas também deve dar conta da reflexão sobre o pulsar do mundo. Deve definir a missão que se espera que os museus cumpra. A elaboração dum plano ou programa para museus social é sempre feita de forma participada, envolvendo um diálogo permanente e mutuamente enriquecedor com a sociedade, como forma de encontrar formas para dar resposta os aos problemas e preocupações demonstrados pela comunidade.

³ <https://informalmuseology.wordpress.com/informal-museology-studies/cartas-do-patrimonio-instrumentos-de-participacao-no-urbanismo/>

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=yRM1xB5x-GI&feature=youtu.be>

⁵ Num outro trabalho, em 2016, enunciamos algumas das questões sobre a Função Social dos Museus que decorrem da Recomendação da UNESCO sobre Museus e suas Coleções (2015)

Um programa e plano apresenta um diagnóstico da situação vivida, sumariando as ações realizadas anteriormente, os resultados obtidos e os problemas enunciados. Importa fazer uma síntese de avaliação sobre os programas existentes e uma reflexão sobre a sua adequação à função social dos museus. No diagnóstico é necessário fazer um retrato da realidade e pensar com sensatez e capacidade crítica as possibilidades de ação na resolução de problemas.

No segundo momento, um plano para um museu social deve definir, de forma participada, os objetivos a atingir e identificar as principais linhas de ação que ancorem a criação de medidas e ações, definidos as suas prioridades no tempo (calendarização) as metodologias propostas, e a afetação racional de recursos (humanos e financeiros) prioritários e a implementação de metodologias baseadas na ordenação de projetos, no diálogo com grupos e na alocação realista de meios. Finalmente deverá ainda definir de forma participada os instrumentos de monitoramento, controle e avaliação.

É naturalmente muito importante que o plano seja efetuado de forma crítica e autónoma através de processos participativos que permitam tomar decisões sobre medidas, ações ou projetos relevantes, a sua prioridade no tempo e a racionalidade no uso dos recursos. É necessário procurar um desenho ideal, um processo eficaz e resultados monitorizados com mecanismos de correção. Tem que ser encontrados indicadores confiáveis, quantitativos e qualitativos para entender de que forma um museu está a concretizar a sua função social.



Planos e Programas para Museus – Experiências

Esta reflexão sobre programas e planos para museus sociais levou-nos numa viagem de reflexão sobre o trajeto dos museus nos últimos cinquenta anos, no âmbito do qual, fui efetuando vários trabalhos. Note-se que a minha própria trajetória como profissional de museus se foi ajustando e construindo em diálogo entre a observação, a prática e o diálogo com outros profissionais. Nem sempre o vetor social foi a linha de planeamento definida. Os museus são lugares de poder e essa disputa pela hegemonia da memória está bem presente ao longo do tempo, em cada uma das vontades de museus. Mas o tempo do século XXI exige que os museus, enquanto lugares de diversidade, enfrentem os desafios do presente para responder aos problemas das comunidades.

Sendo certo que os museus não podem perder de vista os seus objetivos, o que aprendemos ao longo do século XX é que a orientação dos museus passou do seu foco dos objetos para as pessoas. Os sujeitos são agora protagonistas da sua ação emancipadora (paradigma da participação) e os museus devem procurar o serviço e colaboração com a sociedade.

O mundo está em processo de transição societal. A todas instituições sociais apela-se a que atuem como integradores dos diversos grupos. Os museus devem preservar as culturas vivas. Dar espaço a que cada manifestação cultural se expresse de forma criativa e inovadora. Os museus deverá surgir adaptado às necessidades dos novos desafios sociais e devem-lhe dar resposta eficazes.

Estar atento ao pulsar do mundo, agira de forma dinâmica e criativa, comprometido com a diversidade cultural e com o diálogo intercultural são novas ferramentas que os planos dos museus integram. Para isso um museu dever ser sensível à realidade da comunidade, as suas ações devem promover o progresso e o bem-estar social, deve promover uma efetiva mudança, individual e de grupo, devem-se constitui em centros de mediação, de inovação e criativos, devem estabelecer pontes e criar conexões que partilham os valores do bem-estar, das liberdades, da consciência crítica e autónoma.

As experiências:

1. Museu do Tejo – Parque do Almourol (1998)
2. Museu do Turismo da Madeira (2000)
3. Marca D'Água - Biblioteca de Autoras portuguesas para escolas pública (2003)
4. Paladares com Arte (2004)
5. Museu Mineiro do Louzal (2006)
6. Casa Muss-amb-ike – Espaço de Memórias e Saberes (2009)
7. Museu Afro-Digital – Portugal (2013)
8. Árvore das Memórias – Espaço de memórias de comunidade em Djabula (Moçambique) - 2013
9. Ecomuseu do Catembe - Moçambique 2016
10. Museu das comunidades Hindus em Salamanga (2018)
11. Museu Educação e Diversidade (2018)
12. Ecomuseu dos Bijagós – Guiné-Bissau (2020)
13. Panteão Nacional
14. Museu do Azulejo
15. Museu da Resistência e Liberdade

Gouveia,, janeiro 2021

